



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

RAFAELLA YURIE PUCCA

BRASIL X PORTUGAL: GUERRAS MEMEAIS DO TWITTER

CAMPINAS

2021

RAFAELLA YURIE PUCCA

BRASIL X PORTUGAL: GUERRAS MEMEAIIS DO TWITTER

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Claudia Fernandes Ferreira

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA MONOGRAFIA
DEFENDIDA PELA ALUNA RAFAELLA
YURIE PUCCA E ORIENTADA PELA
PROF.^a DR.^a ANA CLAUDIA FERNANDES
FERREIRA

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

P961b Pucca, Rafaella Yurie, 2000-
Brasil X Portugal : guerras memeais do Twitter / Rafaella Yurie Pucca. –
Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Ana Claudia Fernandes Ferreira.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Linguística. 2. História das ideias linguísticas. 3. Memes. 4. Brasil. 5.
Portugal. I. Ferreira, Ana Claudia Fernandes, 1973-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Brazil X Portugal: meme wars of Twitter

Palavras-chave em inglês:

Linguistics

History of linguistic ideas

Memetics

Brazil

Portugal

Titulação: Bacharel

Banca examinadora:

Sheila Elias de Oliveira

Thaís de Araujo da Costa

Data de entrega do trabalho definitivo: 06-12-2021

AGRADECIMENTOS

Gostaria aqui de fazer um breve agradecimento a todos aqueles que tiveram uma participação direta ou indireta na realização deste trabalho. Imagino que falharei em citar todos os nomes que gostaria, mas agradeço imensamente de qualquer maneira. Ainda assim, gostaria de agradecer principalmente a algumas pessoas mais que especiais para mim.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todos os professores da Unicamp e, em particular, do IEL, que fizeram parte da minha formação e que me mostraram ainda mais a beleza da linguagem. Aprendi muito com cada um de vocês e levarei sempre seus ensinamentos comigo, sejam eles de linguística ou lições de vida que me apresentaram.

Gostaria também de agradecer à minha família e às minhas amigas que estiveram sempre comigo e acreditaram em mim, mesmo quando eu mesma não acreditava mais. Sem vocês, não teria conseguido fazer metade das coisas que fiz. Um agradecimento especial para minha colega e incrível amiga Danielle Bento que me acompanhou durante toda minha graduação e, principalmente, durante todo o processo de produção deste trabalho, que me incentivou sempre que precisei e me ajudou em diversos momentos a fazer desta monografia a melhor que ela poderia ser.

Gostaria aqui também de deixar meus agradecimentos às professoras Dra. Sheila Elias de Oliveira e Dra. Thaís de Araujo da Costa a quem admiro muitíssimo e que fizeram parte de minha banca examinadora e colaboraram muito para que este trabalho chegasse ao melhor resultado possível. Agradeço imensamente a leitura atenta da monografia e a todos os apontamentos e correções feitas pelas professoras durante minha defesa. Sem vocês, este trabalho não teria atingido tamanho potencial.

Por fim, gostaria de agradecer muitíssimo à professora Ana Cláudia, minha orientadora. Mal posso colocar em palavras o quanto agradeço a você, por, desde o início do processo de criação deste trabalho, ter me ajudado e me guiado como fez. Agradeço por ter me aceitado como sua orientada e por estar sempre disposta a me amparar quando precisei. Agradeço também por me nortear por esse caminho desconhecido da realização de uma monografia e por estar sempre disposta a tentar me ajudar a fazer deste trabalho o melhor possível. Todo esse trabalho foi realizado durante um período sem precedentes de pandemia e distância, mas, ainda assim, graças a você e sua incomparável disponibilidade, consegui aproveitar e muito de todo o desenvolvimento deste trabalho e, por isso, minha maior e eterna gratidão.

Resumo

Esta monografia, inscrita na área de História das Ideias Linguísticas, tem como principal objetivo analisar, em postagens e memes de redes sociais, como estão sendo significadas, atualmente, relações entre Brasil e Portugal e como essas relações incluem ou não a questão das línguas. Propomos aqui, então, tendo em vista a questão do cotidiano da língua e dos saberes linguísticos cotidianos (FERREIRA, 2020a, b, c), um estudo sobre como a relação entre brasileiros e portugueses está, atualmente, sendo significada na internet e nas redes sociais. Propomos também, analisar as consequências dos processos de colonização linguística no Brasil em discursos antilusitanos e antibrasileiros presentes em memes, considerando que as redes sociais estão entre os diferentes modos de significação do sujeito e da língua no dia a dia. Para a realização deste trabalho, o material de análise inclui prints de memes retirados da internet, principalmente do Twitter, mas também de outras redes, como o Instagram, além de páginas da internet. Esse material serve de base para as reflexões propostas pelo trabalho sobre discursos de não especialistas da história e da língua que, em suas postagens de internet, dizem sobre algo que diz respeito à língua, ou, por vezes, que não fazem qualquer menção à língua propriamente dita, mas que, de certo modo, remetem a processos de (des)colonização, produzindo um afastamento entre brasileiros e portugueses. Pretendemos aqui, portanto, apresentar, refletir e analisar como se dão e como significam os efeitos de um processo que se iniciou ainda no século XVI, mas que, até os dias de hoje, reaparece de maneiras diferentes em discursos que, muitas vezes, não pretendem, de fato, discutir a língua propriamente dita, mas que, ainda assim, o fazem de algum modo. Assim, com foco nos discursos das relações entre Brasil e Portugal na internet, este trabalho busca contribuir para os estudos sempre crescentes da História das Ideias Linguísticas no Brasil.

Palavras-chave: Linguística, História das ideias linguísticas, Brasil, Portugal, memes.

Abstract

This monograph, inscribed in the area of History of Linguistic Ideas, has as its main objective to analyse, in posts and memes on social networks, how the relations between Brazil and Portugal and how those relations include or not the language are being currently signified. Here we propose, bearing in mind issues such as the daily life of the language (FERREIRA, 2020a, b, c), a study on how the relation between Brazilians and Portuguese is being signified on the internet and in social networks. We also propose an analysis of the consequences of the processes of linguistic colonization in Brazil in anti-Lusitan and anti-Brazilian discourses in the memes. Considering that social networks are part of the different means of signification of the subject and the language in daily life. For the realization of this work, the material for the analysis includes prints of memes taken from the internet mainly from Twitter, but also from other domains such as Instagram and internet pages. That material serves as a basis for the reflections proposed by the work on the vision of non-experts on the History and the language who talk, in their internet posts, about something that concerns the language or, sometimes, that do not make any mention of the language itself, but that, in a way, refer to the process of (de)colonization producing a distancing of Brazilians and the Portuguese. We intend here, therefore, to present, discuss and reflect on how the effects of a process that began still in the 16th century are signified, but which, until today, reappears in discourses that often do not intend to discuss the language itself. Thus, focusing on the discourses about the relations between Brazil and Portugal on the internet, this work seeks to contribute to the ever-increasing studies of the History of Linguistic Ideas in Brazil.

Key-words: Linguistics, History of Linguistic Ideas, Brazil, Portugal, memes.

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Introdução..... | 8 |
| 1. A colonização linguística e lugares de resistência | 11 |
| 2. Falar como prática política | 15 |
| 3. Memes do Twitter | 24 |
| 3. 1. Quando o foco não é a língua e ela não aparece | 27 |
| 3. 2. Quando o foco não é a diferença linguística, mas essa diferença – ou a língua – aparece | 31 |
| 3. 3. Quando o foco é a diferença linguística | 34 |
| 4. Quando o meme retoma o processo de colonização..... | 38 |
| Considerações finais | 43 |
| Bibliografia | 45 |

Introdução

É antiga a discussão sobre se língua(s) denominada(s) como *portuguesa*, em Portugal e no Brasil, podem ou devem ser consideradas como somente uma língua ou como línguas distintas¹. Ainda hoje, é uma discussão que apresenta grande impacto em diferentes comunidades linguísticas. Embora o nome oficial da língua - no caso, língua portuguesa - seja o mesmo em ambos os países, podemos argumentar que estamos tratando de duas línguas distintas. Essa posição, ainda que passível à argumentação contrária, é comum tanto entre cientistas quanto entre não especialistas na língua e é sobre este segundo grupo que o presente trabalho se propõe focar.

A língua costuma ser significada como um instrumento de comunicação: constantemente nos utilizamos da língua para nos comunicar. A língua costuma ser significada de outras maneiras também, quando afirmamos que, seja pela escrita ou pela própria fala, é por meio da língua que conseguimos compartilhar nossas ideias, ou que, atualmente, novas formas de compartilhamento de ideias e de comunicação vêm surgindo a todo momento.

Com as novas tecnologias de linguagem da internet em constante avanço, que nos permitem “comunicar” por postagens e comentários ou até mesmo por mensagens trocadas em tempo real, novas formas de conexão são inventadas. Um dos principais exemplos disso são as redes sociais, em que todos aqueles que possuem acesso à internet podem criar suas contas e compartilhar “seus pensamentos e opiniões” constantemente, muitas vezes, sem muito pensar sobre essa prática. Permitindo que seus usuários postem fotos, textos, mensagens, entre outras coisas em suas páginas, as redes sociais tornam-se grandes diários públicos, em que o sujeito, significado como usuário, pode compartilhar “o que desejar”.

A língua é significada e praticada de muitas maneiras em nosso cotidiano, dentro e fora das redes sociais. Foi pensando nisso que, neste trabalho, nos dedicamos a estudar determinadas maneiras de significar a língua, que dizem respeito a discursos sobre as relações entre Brasil e Portugal. Mais especificamente, buscamos analisar como a questão linguística que pode estar presente nessas relações é significada em postagens e memes da internet, ou seja, como acontece o afastamento ou aproximação entre o sujeito e a língua do Brasil e o sujeito e a língua de Portugal nas redes.

¹ É importante salientar que existem, além do Brasil e Portugal, outros diversos países e comunidades lusófonas ao redor do mundo. No presente trabalho, porém, o foco do estudo é, de um modo geral, a relação da língua com os sujeitos brasileiros e portugueses.

Para tentar compreender o conflito entre proximidade e afastamento entre sujeitos e línguas (nacionais), procuramos, a partir da História das Ideias Linguísticas, em articulação com a Análise do Discurso, analisar alguns memes postados em redes sociais que (re)produzem discursos da relação, ainda hoje conflituosa, entre as línguas e os falantes do Brasil e de Portugal.

Ferreira (2020a) afirma que

Qualquer construção humana é uma construção simbólica e, portanto, envolve algum tipo de escrita, algum tipo de leitura e algum tipo de saber. Ao lado disso, qualquer construção humana é passível de se tornar objeto de estudo enquanto um artefato a ler, a descrever, a interpretar. (FERREIRA, 2020a, p. 85)

Assim, é interessante pensar os memes da internet não somente como memes, mas como artefatos linguísticos criados pelos sujeitos falantes da língua. Buscamos, assim, compreender como uma questão linguística pode comparecer discursivizada em memes, que são compostos por textos e imagens que não foram feitos necessariamente por especialistas na língua e que, muitas vezes, nem mesmo se propõem a discutir a língua profundamente.

A perspectiva teórica deste trabalho é a de que, de modo não transparente, a história e os discursos já produzidos anteriormente podem “(re)aparecer” em discursos atuais: ou seja, algo só é dito em determinado lugar e em determinado momento pois discursos anteriores permitiram que esse novo discurso fosse dito. Orlandi (2010, p. 17) afirma que “O discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade específica do discurso. Desse modo, temos a relação entre língua e ideologia afetando a constituição do sujeito e do sentido”. Ou seja, é somente a partir da consideração da língua e do simbólico que podemos, pela análise, compreender o funcionamento do discurso e é somente a partir do discurso que podemos compreender o funcionamento da ideologia na história. Desse modo, a língua não é tomada como sendo apenas um instrumento de comunicação e nem de transmissão de ideias, pois a materialidade da língua, do modo como falamos, está afetada pela ideologia, que não é transparente para o sujeito que fala.

Além disso, é interessante salientar que, em se tratando de uma discussão sobre língua portuguesa, seria fácil discutir uma posição propriamente política neste trabalho - quer dizer, poderíamos nos questionar se, oficialmente, a língua portuguesa deveria ainda ser vista como uma única, independentemente do país que a fale ou se, oficialmente, ela deveria ser considerada como mais de uma língua. Não é esse o intuito do trabalho, ainda que, em se

falando de discurso, necessariamente se fala do político, como poderemos ver mais ao longo da discussão apresentada no trabalho. Aqui, falamos sobre as práticas simbólicas, que são políticas, e que significam os sujeitos e as línguas.

Para isso, com o intuito de analisar memes de redes sociais como o Twitter e o Instagram, começamos, na seção seguinte do trabalho, uma discussão sobre o processo da colonização linguística no Brasil, os lugares de resistência contra esse processo e o processo da descolonização linguística, considerando esses movimentos desde o período colonial até os dias atuais. Discutiremos, em seguida, como se dá o político na fala e como – e porque – a análise de postagens da internet permite vislumbrar determinadas formas de política linguística. Feito isso, partiremos então para uma análise propriamente dita dos memes, dividindo essa seção do trabalho em três: a primeira para os memes sobre Brasil e Portugal que não fazem alusão à língua; a segunda para aqueles que, para distanciar – ou aproximar – Brasil e Portugal, aludem a língua, mas não a mobilizam diretamente; e a última para aqueles memes que, sim, mobilizam a língua para marcar sua posição nessa relação entre os países. Por último, passaremos por uma análise de como a memória do processo de colonização ainda se dá nas postagens das redes sociais e, por fim, apresentaremos nossas considerações finais sobre as análises apresentadas, além de questionamentos para trabalhos futuros.

1. A colonização linguística e lugares de resistência

Para iniciar nosso trabalho, é interessante compreender como teve início a discussão em torno de diferenças linguísticas entre o português falado no Brasil e aquele falado em Portugal, e como essa discussão perdura nos dias de hoje. É importante tratar desse tópico, pois é impossível discutir as condições de produção do discurso sobre essas diferenças linguísticas sem discutir, também, as condições históricas através das quais elas foram produzidas, uma vez que:

falar da história das idéias lingüísticas no Brasil é tratar da constituição de um saber lingüístico (metalingüístico) nas condições próprias da história brasileira: a história de uma colônia portuguesa que se torna um Estado independente no início do século XIX (GUIMARÃES; ORLANDI, 1996, p. 9).

Falemos então desse início que se dá no processo de colonização portuguesa no território brasileiro no começo do século XV, assunto já discutido em trabalhos como os de Orlandi (1990), Mariani (2004) e diversos outros. A colonização dos portugueses sobre os indígenas que aqui habitavam apresentou diversas ramificações e consequências que podemos ver na sociedade brasileira até os dias atuais; mas, neste trabalho, focaremos em um aspecto desse longo processo de colonização: o da colonização linguística.

Mariani (2004) afirma que a colonização linguística diz respeito ao projeto colonizador português no Brasil que, de um lado, buscava converter os indígenas ao catolicismo europeu e, de outro, submetê-los ao rei de Portugal. Para isso, a Coroa portuguesa procurou submeter os falantes nativos ao aprendizado da língua portuguesa. A autora aponta, porém, que essa tentativa não funcionou bem e que os jesuítas passaram a catequizar os indígenas em suas próprias línguas.

Segundo a autora, a Coroa portuguesa buscou criar uma unidade política durante o processo de colonização e em resposta à diversidade - incluindo aí a diversidade de línguas - no território brasileiro. É interessante que a língua seja um dos pontos dessa discussão: para que houvesse a identificação dos indígenas como súditos do rei, era necessário que eles soubessem o português. No início do processo de colonização, porém, o português acabou concorrendo com a língua brasílica - ou o tupi jesuítico -, que era uma das línguas gerais utilizadas pelos próprios jesuítas para a catequização dos indígenas. Depois, no século XVIII, buscando diminuir a força dessas línguas e ainda tentando manter a primazia do português no território, a Coroa portuguesa impôs o português como língua oficial da colônia com o

Diretório dos Índios, de 3 de maio de 1757. Essa imposição encontrou diversas resistências de indígenas e jesuítas e a língua brasílica ainda continuou a ser utilizada por um tempo considerável, apesar de proibida pelo *Diretório*.

Ainda conforme Mariani (2004), a imposição do português como língua do rei e, portanto, como a língua oficial na colônia - ou seja, aquela que deveria ser utilizada, ensinada e aprendida pelos falantes -, estipulava uma homogeneidade linguística - um imaginário de unidade, de coletividade -, buscando reforçar um sentido de uma Nação única entre Brasil e Portugal, fazendo com que a língua passasse de um simples instrumento de catequização a um constituinte da “civilização europeia”. Isso reforça não somente uma hierarquização em relação a línguas que seriam mais ou menos “importantes”, mas também contribui fortemente com os diversos processos de apagamento e de aniquilação em curso, dos indígenas e de suas próprias línguas.

Mariani (2004), ao discorrer sobre alguns efeitos do processo de colonização linguística no território brasileiro, aponta que, ao chegarem ao novo território, os portugueses acabaram por produzir um discurso sobre ele, descrevendo e significando, por meio de sua própria língua, elementos desconhecidos pelos colonizadores, relativos à fauna, à flora e aos próprios indígenas e suas línguas. A autora traz uma discussão interessante ao apontar que os indígenas não possuíam um direito à resposta registrada sobre os discursos produzidos sobre eles, visto que, não tinham uma tradição escrita e não conheciam a língua do colonizador, na qual tais discursos estavam sendo produzidos e registrados pela escrita. Além disso, tanto no processo de descrição do território brasileiro em língua portuguesa, quanto no processo de imposição dessa língua aos indígenas no século XVIII, e em seu reforçamento como língua oficial, da política e das Instituições, há produção de efeitos de sentido na história da colônia. Ou seja, uma vez que essa história é contada/escrita na língua do colonizador, que já traz sua própria história e sua própria memória, há um apagamento da história e da memória das línguas que se falavam no território antes da chegada dos portugueses no Brasil.

Cabe lembrar, a partir de Mariani (2004), o fato de que, durante o processo de colonização, os próprios jesuítas portugueses enviados pela Coroa ao novo território para a catequização dos indígenas tiveram que aprender a língua indígena para que seu trabalho catequético pudesse ser feito. Os jesuítas passaram a gramatizar línguas indígenas (notadamente o tupi), padronizando-as em uma norma escrita e descrevendo-as a partir de seus próprios conhecimentos eurocêntricos. A autora afirma ainda que

o processo de gramatização, ao preencher um espaço lingüístico não instrumentalizado anteriormente, produziu um tupi imaginário, estabilizado através de regras e de formas de pronúncia bem diferentes, provavelmente, de sua forma fluída e variável em função do uso (MARIANI, 2004, p. 36-37).

A autora mostra que a normatização do tupi jesuítico, que se transformou em uma língua geral, abriu para um lugar de resistência dessa língua (e de outras línguas gerais), dificultando, pelo menos no início da colonização, as diversas tentativas da Coroa Portuguesa de colocar o português como a língua da colônia. Mariani (2004) diz que a língua geral, além de utilizada em situações religiosas, como a catequese, também era a língua da conversação cotidiana e familiar. Ou seja, apesar das constantes tentativas da Coroa para a unificação da língua do Brasil, línguas indígenas ainda eram faladas.

Já ao final do século XIX, há, no Brasil, uma proliferação de estudos de brasileiros sobre o país, incluindo *instrumentos lingüísticos* (Auroux, 1992) como gramáticas e dicionários da língua, e produção de literatura própria, o que levou a um distanciamento das produções portuguesa se construiu, nessas conjunturas, espaço para uma ciência que reafirmasse a língua brasileira. Sobre esse assunto, Orlandi e Guimarães (2001) afirmam que

O que caracteriza esta nova instrumentação não é necessariamente o fato de que a gramática no Brasil seja uma outra gramática; é essencialmente o processo segundo o qual a gramática no Brasil se distancia do modelo da gramática filosófica do português Jerónimo Soares Barbosa, em particular, e da tradição gramatical portuguesa em geral (ORLANDI; GUIMARÃES, 2001, p. 24).

Nesse sentido, é interessante pensar esse processo de distanciamento pela descolonização na construção de um caminho para o que podemos chamar, hoje, como antilusitanismo. Fedatto (2015) discorre sobre o assunto afirmando que o antilusitanismo poderia ser definido

pela recusa de vocábulos, sentidos, e usos tipicamente portugueses, seja por parte dos próprios portugueses - por considerar-se arcaísmo ou idiotismo -, seja por parte dos brasileiros e demais países de língua oficial portuguesa - por considerar-se alheio ao uso corrente da língua naquele espaço nacional (FEDATTO, 2015, p. 55)

Assim, ao falarmos de situações em que a língua portuguesa europeia é recusada pelos falantes brasileiros ou vista como completamente diferente da língua falada em seu país, temos um funcionamento do antilusitanismo. Fedatto (2015) considera importante notar que, no Brasil, não houve - e não há - um movimento antilusitano propriamente dito enquanto uma proposta organizada e sistemática, embora esse sentimento de afastamento do brasileiro em

relação ao português tenha transparecido em movimentos sociais e até mesmo linguísticos ao longo da história do Brasil, como, por exemplo, em movimentos separatistas que ocorreram em todo o território durante os séculos XVIII e XIX, nos inícios dos estudos da língua portuguesa do Brasil pelos brasileiros e nas criações literárias, que passaram a ser escritas aqui - principalmente durante o movimento Romântico, que

reconhece a vigência de uma variante brasileira para a língua portuguesa, a qual deveria ser legitimada tanto na fala popular quanto no estabelecimento de padrões literários brasileiros, independentes das normas portuguesas (FEDATTO, 2015, p. 58).

Porém, não é somente no período colonial e pós-colonial que políticas linguísticas de resistência ou mesmo de distanciamento eram colocadas em funcionamento no Brasil. Nos dias atuais, políticas linguísticas semelhantes, resultantes desse processo ainda podem vir à tona, mas sob novos funcionamentos, e é isso que discutiremos ao longo deste trabalho.

2. Falar como prática política

Pensando o discurso não somente como um encadeamento de sentenças, mas como uma prática linguística afetada pelo seu exterior e que, ao mesmo tempo, o afeta, podemos lembrar a afirmação de Eni Orlandi (1988) de que “falar é, em si uma prática política” (p. 7). Lembramos também Diniz (2013), que discorre sobre a definição de política linguística na Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas em contraposição à definição do mesmo termo na Sociolinguística e afirma que “a política linguística compreende processos que ocorrem a despeito de ações conscientes de sujeitos visando a interferir na relação que um determinado grupo estabelece com certa(s) língua(s) praticada(s) em um espaço de enunciação” (DINIZ, 2013, p. 54). Ou seja, há política linguística não somente quando há alguma interferência sobre a língua que se apresenta como sendo consciente por parte do sujeito ou do Estado, mas em toda e qualquer prática de fala. Dessa perspectiva, compreendemos que língua e política se entrelaçam profundamente.

Além disso, se pensarmos, por exemplo, na formação do sujeito no discurso, não consideramos o falante propriamente dito, o falante empírico, mas sim uma posição discursiva do sujeito falante. Posição esta que se dá pelo processo em que o indivíduo, interpelado pela ideologia, constitui-se no simbólico e “Dessa interpelação do indivíduo em sujeito resulta uma forma-sujeito histórica” (ORLANDI, 2010, p. 19). Isso quer dizer que o lugar da sociedade de onde se fala, a posição sujeito no discurso, as relações imaginárias produzidas entre os sujeitos falantes e as relações de sentido que fazem parte das condições de produção do discurso são constituintes dos gestos de interpretação sobre o que é dito e sobre o que se diz.

Desse modo, é interessante pensar o fato de que, até mesmo mensagens por aplicativos ou postagens na internet podem revelar, do sujeito autor, filiações de sentido muitas vezes despercebidas por eles próprios, visto que “não são as intenções que determinam o dizer, antes são as condições de produção específicas que determinam o que o sujeito pode e deve dizer” (ORLANDI, 1978, p. 35). O sujeito, ao postar na internet sobre a língua ou sobre a questão da colonização, não necessariamente busca pensar a fundo sobre nenhuma dessas questões, mas as condições de produção que afetam seu dizer a partir da memória discursiva (Orlandi, 1978, 2010) trazem à tona esses discursos. Segundo Orlandi (2010), na análise do discurso, a memória discursiva é pensada como interdiscurso, ou seja, como o conjunto do que já foi dito anteriormente e esquecido, mas que ainda atua no discurso, determinando e possibilitando os sentidos dos dizeres. Isso quer dizer que “um discurso não começa em si mesmo, mas está

sempre apoiado em outros discursos” (ORLANDI, 1978, p. 33) e, portanto, o sujeito está sempre retomando discursos e sentidos anteriores para (se) significar. É importante frisar que a memória discursiva é constituída pelo esquecimento. Orlandi afirma que “falar é esquecer” (ORLANDI, 1999, p. 61) e, nesse sentido, é interessante pensar o que é retomado nos memes apresentados pelo esquecimento de que o que se diz não é fruto da intenção do sujeito que diz, mas que advém da memória discursiva, do que já foi dito em outro lugar, antes e independentemente.

Para essa discussão, também podemos trazer a noção de espaço de enunciação de Guimarães (2005), que diz respeito às relações entre as línguas, faladas em um determinado espaço, os falantes, e o espaço em que as línguas se relacionam entre si e com os falantes. Segundo o autor, “cada espaço de enunciação tem uma regulação histórica específica, ou seja, distribui as línguas que estejam em relação em condições históricas específicas de um modo particular” (GUIMARÃES, 2005, p. 10).

É nesse sentido que o presente trabalho objetiva analisar nas postagens de memes o funcionamento das relações de sentido entre Brasil e Portugal produzidas pelos sujeitos falantes, buscando compreender como as línguas são ou não colocadas em questão. A análise trabalha, então com o que é postado atualmente na internet, mas pensando sempre como o passado da relação entre os espaços de enunciação de Brasil e de Portugal interfere nos sentidos presentes dos memes. Também a partir do mesmo conceito de espaço de enunciação, é interessante pensar no fato de que os memes são todos artefatos da internet e como esse fato leva a determinadas compreensões na análise; ou pensar que as relações entre o português falado no Brasil e aquele falado em Portugal se dão de maneiras específicas na internet e nas redes sociais, que não são necessariamente idênticas a outras relações, produzidas em outros espaços, com hierarquizações e divisões entre as línguas e os sujeitos apresentando-se de outras formas.

Sobre o assunto, também lembramos de Ferreira (2020b,c), que propõe o estudo do cotidiano da língua em que o interesse está na constituição, divisão e hierarquização dos saberes linguísticos e os modos como eles circulam rotineiramente. A autora reflete sobre essa divisão e hierarquização, mas considerando uma relação indissociável entre os saberes cotidianos, ou seja, aqueles produzidos por todos os falantes no dia a dia e os saberes especializados, aqueles produzidos em instituições tidas como produtoras de conhecimento, como a academia, por exemplo. De um lado, Ferreira (2020c) afirma que, diferentemente dos saberes especializados

que são produzidos por especialistas nas Instituições do saber, os saberes cotidianos são produzidos por *todos* e por *qualquer um*; são saberes que “não têm lugar próprio e que podem ser produzidos em qualquer lugar” (FERREIRA, 2020c, p. 326). De outro lado, a autora salienta que esses dois saberes, apesar de distintos, circulam conjuntamente e produzem efeitos uns sobre os outros, portanto, numa relação de tensão e contradição.

Ferreira (2020c) retoma trabalhos de Michel de Certeau (2014), partindo de um questionamento do autor sobre *o que fazemos com as determinações que nos são impostas* para perguntar, no que diz respeito à língua, *o que os sujeitos falantes fazem com a língua que lhes é imposta*. Saberes especializados sobre a língua - como o da gramática e o da linguística - muitas vezes se propõem a discernir ou discutir (sobre) o que seria o correto e o incorreto. Porém, no dia a dia, observa Ferreira (2020c), fazemos outras coisas com esses saberes ao falar uma língua outra, desviante, e ao falar sobre essa língua.

São diversos os trabalhos de estudiosos, na História das Ideias Linguísticas, sobre a questão da descrição, da instrumentação e do funcionamento da língua na internet. Lembramos, por exemplo, os artigos de Oliveira (2014, 2018) sobre o dicionário informal, o artigo de Freitas (2017) e de Freitas e Medeiros (2020) sobre dicionários online, os trabalhos de Ferreira (2012, 2016) sobre as enciclopédias virtuais e de Ferreira e Faria (2013) sobre como alguns dialetos do Brasil são significados na Desciclopédia, ou os trabalhos de Adorno (2016, 2018) sobre a linguagem dos vlogs e sobre dicionários na internet.

Neste trabalho, procuramos analisar os efeitos das relações entre Brasil e Portugal em postagens de redes sociais e em sites da internet. Ao longo do trabalho, traremos para a discussão, imagens de postagens² feitas no Instagram, no site Museu de Memes³, mas principalmente, no Twitter⁴. Os motivos para essa escolha são, principalmente, dois. O

² É importante ressaltar que, no trabalho, trazemos imagens de capturas de telas para análise, ou seja, fotos da tela na qual uma postagem aparece. Todas as imagens apresentadas ao longo do texto foram retiradas de contas abertas ao público, que aparecem sem nenhuma restrição na rede quando pesquisadas por meio de palavras-chaves. Ainda assim, deixamos claro que não é intenção do trabalho expor ou constranger usuários da rede e, portanto, nomes de usuários e fotos de perfil são ocultados nas imagens apresentadas ao longo do texto.

³ O Museu de Memes, segundo o próprio site, explica que o intuito de sua criação é tanto preservar e apresentar ao público a memória referente aos memes do país quanto instigar uma reflexão sobre eles. O Museu nasceu de um projeto desenvolvido sob a coordenação-geral do professor doutor Viktor Chagas, com colaborações do Laboratório de Pesquisa em Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração (coLAB), da Universidade Federal Fluminense. Além disso, no site do Museu na internet é possível pesquisar e acessar diversos memes originários de diversos meios de comunicação – como vídeos, redes sociais ou imagens – de diferentes épocas, que contam com uma breve explicação sobre cada um deles. Para acessar o site: < <https://museudememes.com.br/>>. Acesso em 20, ago. 2021.

⁴ O Twitter é uma rede social criada em 2006, e os usuários que possuem seu registro no site podem fazer postagens curtas com adicionais de imagens, vídeos e sons, podendo também interagir entre si por meio de curtidas,

primeiro diz respeito ao fato de que boa parte da população mundial possui acesso diário às redes sociais, o que as tornaram atualmente uma grande e vasta fonte de material para estudo. O segundo, por sua vez, tem relação com alguns acontecimentos mais específicos do Twitter que ficaram conhecidos como *Guerras Memeais*.

Foram três as chamadas *Guerras Memeais* e, em todas elas, usuários brasileiros do Twitter passaram a atacar usuários de outros países, clamando serem os melhores na criação de memes originais. A primeira guerra ocorreu em novembro de 2016, quando uma conta portuguesa do Twitter, denominada *In Portugal we don't*, supostamente copiou uma conta brasileira da mesma rede, *In Brazil we don't*, que já produzia tweets⁵ com essa estrutura linguística, conforme podemos ver a seguir:



Figura 1⁶: Print do tweet do início da primeira Guerra Memeal

Enquanto a conta brasileira produzia tweets em que postava a frase “In Brazil we don’t”, uma expressão do inglês⁷, mas que possui uma frase popular com um sentido equivalente em português, a conta portuguesa teria copiado a ideia brasileira. Tomando o possível plágio de seu meme como ofensa, usuários brasileiros passaram então a atacar portugueses, alegando que eles não conseguiriam jamais produzir memes humorísticos da

repostagens e respostas às postagens realizadas. Para acessar o site: < <https://twitter.com/>> Acesso em 9, nov. 2021.

⁵ A palavra *tweet* está sendo mobilizada para nomear toda e qualquer postagem feita no Twitter.

⁶ Disponível em: < <https://www.museudememes.com.br/wp-content/uploads/2016/11/01.-In-portugal-we-dont.jpg> >. Acesso em 17, mai. 2021.

⁷ O fato de o meme ter sido produzido em inglês enquanto trata de uma questão da língua portuguesa é bastante interessante, pois diz respeito a outra relação de hierarquização das línguas. Nesse sentido, é interessante pensar no uso do inglês, atualmente como uma língua franca, ou seja, aquela língua utilizada por um grupo multilíngue de pessoas para que a comunicação seja mais facilitada. A “escolha” da língua inglesa como essa língua franca já é, por si só, uma política linguística, uma vez que as línguas são fatos sociais e relacionam-se, sempre, com a história e, por isso, “em diferentes momentos da história as relações de poder se organizam e declinam de modo diferente suas relações com a língua e entre as línguas, nas e entre as diferentes sociedades” (ORLANDI, 2009, p. 171).

mesma qualidade daqueles produzidos pelos brasileiros. É claro que essa disputa gerou diversos outros memes de ambos os lados e, ao longo do trabalho, veremos mais desses exemplos.

Essa polêmica deu surgimento à primeira das três guerras memeais. A segunda deu-se um ano mais tarde, dessa vez contra os argentinos. O motivo inicial foi semelhante: a qualidade dos memes produzidos. Mas não focaremos nessa guerra no presente trabalho. A terceira Guerra Memeal, porém, é interessante para o trabalho que aqui realizamos, pois também ocorreu contra Portugal e, apesar de iniciada por um motivo totalmente distinto, também culminou na produção de diversos memes. Durante a copa do mundo de futebol de 2018, o cantor pop canadense Shawn Mendes, que tem pai português, fez uma música temática da copa do mundo para a seleção de futebol portuguesa. Em resposta ao suposto “favoritismo” do cantor, os usuários brasileiros do Twitter passaram a atacar mais uma vez os portugueses, dando início à nova Guerra Memeal.

É verdade que existe uma longa discussão sobre o português europeu e o português brasileiro serem uma mesma língua ou duas línguas distintas⁸, mas, considerando-se que ambas são denominadas, atualmente, como *português* e que ambas têm o estatuto de línguas oficiais de estados nacionais, acaba sendo sustentado o discurso de que seria uma só língua. Olhando para alguns tweets, porém, podemos perceber que o português europeu e o português brasileiro são significados por meio de alguma distinção ou como línguas distintas. Tomemos o exemplo abaixo, um pouco mais recente do que as guerras memeais, mas que ainda trata do mesmo assunto:

⁸ São diversos os trabalhos que analisam o português brasileiro e o português europeu com o intuito de comparar suas diferenças e/ou semelhanças. No artigo *A sintaxe do português brasileiro* de Galves (2015), por exemplo, a autora realiza uma análise gramatical do português brasileiro e do português europeu para mostrar que o primeiro se diferencia das demais línguas românicas por ser uma língua tópico-comentário. Além desse trabalho, muitos outros textos analisam o português brasileiro como distinto do português de Portugal a partir de uma visão fonética, prosódica ou sociolinguística, por exemplo. O texto de Orlandi (2009) considera, a partir de uma visão discursiva que, o português e a “língua brasileira” podem ser vistas como distintas uma vez que apresentam memórias discursivas diferentes.



Figura 2⁹: Print de comparação entre português de Portugal e português do Brasil (tradicional x simplificado)

Na imagem acima, temos uma postagem do Twitter que traz a imagem “printada”¹⁰ de uma conversa por comentários do Facebook a respeito do tema “português simplificado”. Enquanto um dos usuários define o português de Portugal como “tradicional” e o português do Brasil como “simplificado” respectivamente, a resposta a esse comentário deixa claro que há uma discordância de que o português do Brasil seria simplificado. É interessante apontar que, no caso desse meme, a definição como *simplificado* do português do Brasil significa como algo negativo, em oposição ao *tradicional* do português de Portugal e acaba por incitar uma resposta hostil de outro usuário.

Ainda nessa resposta no post, é interessante notar que, na resposta do usuário, é lançado um desafio de tradução do próprio post – escrito, nesse caso, em um português brasileiro - para o português de Portugal e isso levanta o questionamento: se há a possibilidade de tradução de um português para o outro, como eles seriam uma mesma língua? Como um deles seria a simplificação do outro? A questão distinção linguística - presente nos textos de ambos os usuários - embora diferente, permite levantar um questionamento, feito em resposta à

⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/jonasdiandrade/status/1343343255455477760?s=08>>. Acesso em 30, abr. 2021.

¹⁰ Nesse sentido, uma imagem “printada” é o mesmo que uma imagem de captura de tela que, como apresentado anteriormente, diz respeito a uma imagem da tela em que a postagem se encontra. Desse modo, queremos dizer que o tweet traz uma captura de tela de uma postagem do Facebook no corpo de sua postagem que, por meio de outra captura de tela, foi apresentada no trabalho.

postagem, que abre para a diferença de línguas, e que se formula por meio de um critério: o da tradução.

Há um afastamento de Portugal em relação ao Brasil pela distinção linguística da postagem original do Facebook, na comparação entre o português de Portugal, significado como tradicional, e o português do Brasil, significado como a mesma língua, mas como simplificada. Há um afastamento do Brasil em relação à Portugal por uma distinção linguística que abre para a diferença de línguas, pelo critério do desafio da tradução.

Pensando o processo de gramatização e estudo de uma língua, podemos afirmar que há, de certa forma, uma fixação do que seria a língua estudada, que, portanto, pode ser falsamente vista como estável. Nesse sentido, considerando que estes processos são realizados por estudiosos da língua, provenientes de Instituições de saber, eles dizem respeito ao que Ferreira (2020b) chama de *saberes especializados* que são frequentemente tomados como verdadeiros e corretos - muitas vezes, vistos até mesmo como incontestáveis. Em relação indissociável e em conflito com esses saberes especializados, estão o que Ferreira chama de *saberes cotidianos* que são aqueles conhecimentos produzidos por não especialistas na língua, incluindo, nesse caso, memes postados na internet.

A partir de reflexões de Michel de Certeau sobre o que fazemos com as determinações que nos são impostas e de Michel Pêcheux sobre os gestos simbólicos de resistência a partir da língua, Ferreira (2020b) salienta que o que se impõe pelas Instituições em relação ao que seria o “correto” para uma língua nem sempre corresponde e funciona no dia a dia, e nem mesmo em textos escritos, com destaque para determinadas produções artísticas e literárias (como, por exemplo, as que ela analisa: o poema *Ai, se sêsse!...* e a canção *Cuitelinho*). Segundo a autora, “Se a gramática e a linguística contribuem, cada uma a sua maneira, para negar ou para domesticar essa língua outra, podemos notar que os domínios artísticos e literários têm com ela outras relações” (FERREIRA, 2020c, p. 334). A autora observa também que, em se tratando das práticas cotidianas da língua que incluem modos de falar que destoam daqueles gramaticalmente aceitos, é possível que alguns deles passem a ser aceitos por uma ordem dominante e, desse modo, domesticados, ou seja, absorvidos por essa ordem, passando a significar também nesses espaços outros. Ferreira afirma, porém, que “como são práticas desviantes, elas podem encontrar meios de se realizar em *outro lugar* ou de *outro modo*” (FERREIRA, 2020c, p. 327).

Orlandi (2009) possui uma reflexão fundamental sobre essa questão, elaborada a partir da distinção entre língua imaginária e língua fluida. Segundo a autora, enquanto a língua imaginária é aquela regradada e sistematizada pelos analistas de língua, a língua fluida é aquela que está sempre em movimento, mudando e se alterando pelos sujeitos falantes. Nas palavras da autora, a língua fluida é “a que podemos observar quando focalizamos os processos discursivos através da história de constituição das formas e sentidos, nas condições de sua produção, na sociedade e na história, afetada pela ideologia e pelo inconsciente” (ORLANDI, 2009, p. 18). A autora salienta que é importante pensar a relação contraditória entre língua imaginária e língua fluida e como ela se significa em nossa sociedade e nos significa.

Considerando que tanto o português de Portugal quanto o do Brasil são oficialmente uma mesma e única língua, a importância de olhar para os saberes sobre essa “mesma” língua vindos de sujeitos falantes não-especialistas da língua é imensa. Mais ainda em se tratando de sujeitos falantes que não buscam discutir a fundo a língua propriamente dita, já que, nesses casos, as semelhanças e diferenças linguísticas não são discutidas diretamente por meio de estudos aprofundados sobre as gramáticas ou baseados em pesquisas já existentes sobre o assunto. Também não se discutem, de fato, ou pelo menos não com profundidade, as implicações políticas e históricas de considerar que se trata de uma língua única ou não. Mas, mesmo assim, essa discussão tem certa presença e constância nos memes e piadas da internet.

Retomamos novamente o questionamento que Ferreira (2020c) faz, inspirada nos trabalhos de M. de Certeau sobre o que fazemos com a língua que nos é imposta, para nossas análises de postagens nas redes sociais. Há, por parte dos sujeitos usuários das redes sociais, filiações de sentido que apontam para distinções entre o português europeu e o português brasileiro e que, portanto, se chocam com o discurso de que o português seria uma língua única. Tomemos como exemplo a postagem a seguir.



Figura 3¹¹: Print do tweet de comparação entre as expressões “estou a rir” e “grito”

Temos aqui a comparação entre o enunciado “estou a rir” como sendo português de Portugal em contraste com “GRITO”, como sendo português brasileiro. Ainda que ambos os enunciados pudessem ser considerados equivalentes, tendo “um mesmo sentido” – enquanto o ato de rir de um falante frente a uma situação cômica, por exemplo –, eles aparecem, nesse caso, como muito distintos em sua forma, marcando uma diferença entre um modo como a língua é falada no Brasil e um modo como a língua é falada em Portugal. Também há no meme certo juízo de valor que acaba significando a forma “GRITO” como superior esteticamente à forma portuguesa. Isso acontece devido ao modo como o enunciado é formulado: dizer *we say* “GRITO” *and i think it's beautiful* acaba significando “GRITO” como bonito em contraposição ao enunciado “estou a rir”, para o qual não é apresentado nenhum juízo de valor estético.

Desta maneira, fica o questionamento: se a língua portuguesa é oficialmente somente uma, por que essas diferenças insistem em ser discursivizadas nessas comparações? Quando há uma separação, um afastamento ou uma comparação entre o português europeu e o português brasileiro, há a possibilidade de uma reivindicação por parte dos sujeitos falantes de que as línguas são diferentes e, nas atuais condições de produção, essa reivindicação vem acompanhada de um sentido de identificação de cada sujeito falante com “sua própria língua”.

¹¹ Disponível em: <<https://twitter.com/GabrielaVevo/status/743137814007717888?s=08>> Acesso em 09, mar. 2021.

3. Memes do Twitter

Para a realização deste trabalho, foram pesquisados memes na internet que discutissem, ou ao menos mencionassem, alguma diferença entre o português europeu e o português brasileiro. É importante ressaltar que os memes e imagens apresentados no trabalho não são todos provenientes do Twitter.

Para uma análise mais minuciosa do funcionamento dessas relações entre Brasil e Portugal na internet, procuramos memes relevantes em outras redes sociais e sites – notadamente, no site Museu de memes e na página Greengo Dictionary do Instagram, que será apresentada mais para a frente. Ainda assim, salientamos que, de um modo geral, a maior parte dos memes analisados no trabalho são provenientes do Twitter, uma rede social criada em 2006, que permite que seus usuários façam postagens curtas – atualmente, com um limite de 280 caracteres por postagem - que podem incluir imagens, vídeos ou gifs. A rede permite a inscrição de diferentes “usuários”: pessoas anônimas ou com nome verdadeiro, e verificadas quando pertencentes a uma pessoa ou entidade pública ou a empresas. A rede conta, portanto, com postagens sobre os mais variados assuntos, desde notícias do Brasil e do mundo, até postagens banais sobre o dia a dia dos usuários. O Twitter também permite que seus usuários curtam, comentem e repostem postagens. Além disso, possui o recurso de Tópicos do Momento, que é atualizado constantemente e que destaca as palavras ou hashtags mais frequentes das postagens em determinado momento. E é nesse sentido que este trabalho se interessa pelo Twitter.

Os tweets analisados foram retirados, principalmente, de dois períodos principais: 2016 e 2018. O motivo da escolha dessas datas reside no fato de que elas ficaram conhecidas como as datas de início das Guerras Memeais do Brasil contra Portugal, como explicado anteriormente.

É interessante notar que, primeiramente, não é possível fazer uma análise extensiva do material que o Twitter poderia proporcionar, já que o número de tweets feitos diariamente é muito grande. Também deve-se notar que, uma vez que os tweets foram feitos em anos passados, é possível que muitos tenham sido deletados ou não sejam mais encontrados pelo sistema de busca da própria rede. Por último, deve-se ter claro também que a pesquisa para buscar tweets e memes que fossem relevantes ao trabalho foi feita por meio das seguintes hashtags e palavras-chave: #PrimeiraGuerraMemeal; #GuerraMemeal; #BrasilXPortugal; #PortugalXBrasil; #BRXPT; #PTXBR; Brasil x Portugal; Portugal x Brasil; além de palavras

soltas com *Portugal e Brasil* que, quando pesquisadas de uma só vez – quer dizer, escritas juntas na barra de pesquisa do Twitter -, apresentam como resultados os tweets em que aparecem na mesma postagem.

Desse modo, devemos levar em consideração que há, necessariamente, um recorte do que comparece no trabalho e do que não comparece. Sobre isso, lançamos mão da noção de *recorte* de Orlandi (1983), definido pela autora como uma unidade discursiva que é produzida pelo gesto do analista sobre os materiais que ele pesquisa. No presente trabalho, esses recortes, portanto, não são realizados somente em razão das hashtags e das palavras-chaves buscadas, mas com base nos materiais e nas diversas questões que foram sendo levantadas ao longo das análises.

Em se tratando de um material retirado exclusivamente da internet, devemos sempre ter em mente que o acesso à internet é limitado. Isso quer dizer que, antes mesmo de os recortes analíticos serem feitos para a realização do trabalho, já havia uma outra delimitação acontecendo: somente conseguem entrar na internet para fazer suas postagens aqueles que possuem acesso a ela.

E não somente isso, outra delimitação importante que ocorre devido ao modo pelo qual essa pesquisa foi realizada e que diz respeito ao acesso à escola e à cidade. Em seus trabalhos, Pfeiffer (2011) discorre sobre o que chama de *sujeito urbano escolarizado*, que seria, de um modo geral, um sujeito inserido em “uma sociedade que constrói seus espaços de significação tocados de uma só vez pelos sentidos da letra e da urbanização” (PFEIFFER, 2011, p. 149). Ou seja, para este trabalho, devemos levar em conta que somente conseguem realizar suas postagens, aqueles que além de possuir acesso à internet, antes de mais nada, estão inseridos nessa sociedade letrada e urbanizada, sabendo ler e escrever.

A discussão sobre as diferenças entre o português falado em Portugal e no Brasil é um assunto que aparece constantemente tanto em conversas casuais quanto em estudos de instituições científicas. Portanto, não é difícil imaginar que, na internet, essa discussão também se faça presente. De vídeos do Youtube comparando expressões e palavras a postagens no Facebook de memes sobre as línguas, o que não falta é material para analisar.

Há, por exemplo, como já mencionado anteriormente, o Greengo Dictionary¹², que possui páginas no Facebook, no Instagram e no Twitter, e tem como objetivo principal traduzir palavras e expressões populares do português brasileiro para o inglês, muitas vezes (embora nem sempre) de maneira propositadamente errônea. São postagens com imagens que, geralmente, trazem essas expressões traduzidas em um formato parecido com aquele encontrado em dicionários, por exemplo.

No dia 7 de setembro de 2020 - em comemoração ao dia da Independência do Brasil -, o Greengo Dictionary fez uma postagem traduzindo para o inglês sentidos de palavras e expressões do português de Portugal que são diferentes de sentidos de palavras e expressões do português do Brasil. Vejamos:



Figuras 4 e 5¹³: Prints da postagem de comparação entre palavras portuguesas que tem um sentido cômico e/ou vulgar no Brasil

Nesse caso, as tais diferenças estão em bastante evidência. Tanto no fato de que há duas definições para cada palavra no dicionário – uma em relação ao português de Portugal e uma em relação ao português do Brasil – quanto no fato de que há um sentido de “tradução” das palavras e expressões portuguesas produzido em uma página brasileira. A necessidade de apresentar diferentes definições para uma “mesma” palavra em Portugal e no Brasil, de modo

¹² As imagens são da página da Greengo Dictionary do Instagram, porém, essa conta não possui uma página somente no Instagram, mas também faz suas postagens nas redes Twitter e Facebook. Mais adiante no trabalho, teremos uma postagem da mesma página feita no Twitter.

¹³ Ambas disponíveis em: <<https://www.instagram.com/p/CE1vikdltLW/?igshid=14d6gb657axnm>> Acesso em 09, mar. 2021.

que outros falantes pudessem compreender seus diferentes sentidos, acaba, de certo modo, por salientar ainda mais a diferença, contribuindo para afastar um português de outro.

3. 1. Quando o foco não é a língua e ela não aparece

Passando para as guerras memeais, é interessante começar a análise considerando memes e postagens em que a língua propriamente dita não aparece e não é discutida. Isso porque, nesse caso, o não-dizer sobre a língua é tão importante quanto o dizer, ou seja, aquilo que não é explicitamente dito sobre a língua, também vai acabar se articulando à língua nos discursos das guerras memeais.

Sem o artifício das diferenças linguísticas, para que haja uma separação entre brasileiros e portugueses, outros critérios são mobilizados, como podemos notar na imagem a seguir:

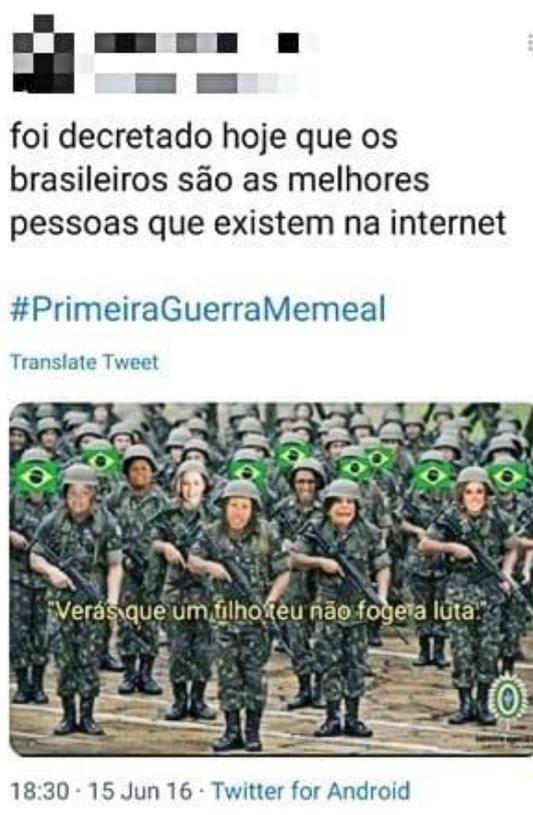


Figura 6¹⁴: Print do tweet sobre a superioridade dos brasileiros em relação aos portugueses pelos memes do país da primeira Guerra Memeal

¹⁴ Disponível em: <<https://twitter.com/CaioFABreuCitou/status/743193964359061504?s=08>> Acesso em 09, mar. 2021.

Nesse caso, há uma competição entre brasileiros e portugueses que se dá, no contexto da Guerra Memeal, explicitada na hashtag - #PrimeiraGuerraMemeal – e sua relação com a imagem trazida no meme do exército brasileiro, em que os rostos de alguns dos soldados são cobertos pela imagem da bandeira do Brasil e outros são cobertos por rostos de famosos que estão em memes da internet brasileira, como Gretchen e Inês Brasil¹⁵. Além disso, na postagem, temos um verso do hino nacional brasileiro - *Verás que um filho teu não foge a luta* - que reforça um discurso nacionalista no meme. A escolha do verso específico utilizado na imagem é bastante interessante, já que mobiliza, de certo modo, uma noção de luta, ou seja, de uma briga, que, no caso, estaria sendo disputada entre Brasil e Portugal para justificar a superioridade dos brasileiros como “as melhores pessoas que existem na internet”, frase trazida na própria postagem. E tão interessante quanto é o fato de o verso escolhido ser so hino nacional brasileiro, um hino composto após a independência do Brasil e que simboliza o país enquanto uma nação independente.

Há aqui, portanto, um discurso sobre a unidade da nação brasileira que não vem de uma unidade linguística, ou seja, o discurso da nacionalidade brasileira em oposição à portuguesa não provém de uma identificação do sujeito com a língua, mas de sua identificação como “as melhores pessoas da internet” significadas enquanto filhos de uma nação: o Brasil.

Tomemos agora os exemplos a seguir:

¹⁵ Para uma melhor compreensão das condições de produção do discurso do meme: Gretchen é uma cantora brasileira que, devido a suas diversas reações consideradas cômicas transmitidas pela televisão ou internet, tornou-se um dos rostos mais conhecidos do país ao tratar-se da produção de memes. Inês Brasil também é uma cantora brasileira que, após ter seu vídeo de inscrição para o programa Big Brother Brasil viralizado na internet em 2012, tornou-se conhecida pelo país por suas frases inesperadas e, normalmente, cômicas como “segura a marimba aí mon amour!” e “seja a pessoa que for, se me atacar eu vou atacar”.



Figura 7¹⁶: Print do tweet em que o Brasil caça de Portugal utilizando o meme da senhora fugindo da repórter

¹⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/cleytu/status/743081135144599552?s=08>>. Acesso em: 09, mar. 2020.



Figura 8¹⁷: Print do tweet em que Portugal caçoa do Brasil utilizando o meme da senhora fugindo da repórter

As imagens de ambas as postagens são provenientes de um mesmo vídeo - nesse caso, de uma reportagem de 2015 realizada pela TV Anhanguera, afiliada da rede Globo em Goiás, sobre o caso envolvendo servidores da Assembleia Legislativa do Estado, que estavam sendo acusados de serem funcionários fantasmas. A repórter questiona uma funcionária, que foge, recusando-se a responder perguntas sobre a acusação de ser uma das funcionárias fantasmas, mas é perseguida durante um tempo pela repórter, que pergunta: “Senhora? Senhora? Se a senhora não tem problema, por que está correndo?”.

Se, nesta segunda imagem, quem aparece na função de repórter, questionando o Brasil, é Portugal - o que fica claro no uso das bandeiras de cada país sobre os rostos das pessoas -, na primeira, o que ocorre é o contrário. Desse modo, devido à pergunta feita pela repórter em cada uma das imagens, a interpretação de qual dos dois países está ganhando a guerra se altera.

Assim, na segunda imagem, Portugal pergunta ao Brasil se “tão a perder a guerra” e, sem responder, o Brasil passa a fugir de Portugal, que o persegue, pedindo para que o Brasil não fuja e, como um modo de provocação, relembra os acontecimentos do jogo de futebol da Copa do Mundo de 2014, em que o Brasil perdeu de 7x1 para a Alemanha. Desse modo, temos,

¹⁷ Disponível em: <<https://twitter.com/illumifrati/status/743112245866037248?s=08>>. Acesso em: 09, mar. 2020.

no segundo meme, a visão de que eram os portugueses quem estavam ganhando a Guerra Memeal.

Em contrapartida, no primeiro meme, a interpretação é oposta, A repórter faz o papel do Brasil e persegue Portugal após questionar se é verdade que “vcs estão passando vergonha no Twitter”, produzindo um efeito de sentidos de que quem está vitorioso na guerra é o Brasil.

É interessante notar também, que ocorrem, de certo modo, um distanciamento do Brasil em relação a Portugal e de Portugal em relação ao Brasil. Temos, no segundo meme, Portugal provocando o Brasil de modo a demonstrar uma superioridade sobre o país uma vez que, pela imagem, podemos interpretar que Portugal está vencendo a Guerra Memeal – já que, após ser questionado sobre sua suposta derrota, o Brasil foge de Portugal. Desse modo, podemos ver na imagem, um processo de certo modo paralelo ao que ocorre com o antilusitanismo, que poderia ser denominado “antibrasileirismo”, uma vez que ocorre por parte do sujeito falante português. No caso do segundo meme, temos um afastamento de Portugal em relação ao Brasil uma vez que estão em lados opostos da Guerra Memeal e há uma colocação de Portugal como vencedor dessa disputa contra o Brasil. No caso do primeiro meme, temos um afastamento do Brasil em relação a Portugal pela mesma razão. No entanto, podemos indagar sobre esse paralelismo, pois nem sempre o “anti” terá o mesmo funcionamento nos discursos produzidos sobre os países, os sujeitos e, claro, também as línguas.

3. 2. Quando o foco não é a diferença linguística, mas essa diferença - ou a língua - aparece

Um caso de disputas também interessante é aquele em que as diferenças linguísticas não são o foco da discussão, mas que, mesmo assim, de alguma maneira estão presentes. No meme a seguir, para separar o brasileiro do português em uma briga, não há uma comparação direta entre uma palavra com sentidos diferentes, ou palavras e frases com “o mesmo sentido”, como observamos nas postagens do Greengo Dictionary, mas apenas uma construção sintática que seria mais específica do português de Portugal:



Figura 9¹⁸: Print do meme da Jéssica, utilizado pelos brasileiros para demonstrar superioridade sobre Portugal

Este meme foi inspirado em um vídeo viral¹⁹ que circulou em 2015, de duas garotas brigando aos tapas, em que uma delas derruba sua oponente no chão e caminha para longe. A outra garota se levanta e, apesar de, aparentemente derrotada ao ser jogada ao chão, pergunta em tom de zombaria e desafio, “Já acabou, Jéssica?”, como que incentivando sua oponente a mais uma rodada de tapas.

No caso da imagem, as bandeiras de Portugal e do Brasil são colocadas sobre os rostos das garotas para representar a briga entre os dois países durante a Guerra Memeal. O Brasil derruba Portugal ao chão, e Portugal se levanta, apesar de “derrotado”, e pergunta: “Já acabaste, Brasil?”. Aqui é interessante notar o verbo *acabaste*, conjugado na segunda pessoa do singular, para significar uma fala de Portugal. Há, nesse caso, certo afastamento do brasileiro em relação ao português que marca a diferença nos falantes com uma forma que seria caracteristicamente portuguesa: a conjugação da segunda pessoa do singular. No Brasil, como sabemos, essa conjugação ocorre somente em determinadas regiões e não é a mais comum, sendo que, na

¹⁸ Disponível em: <<http://www.museudememes.com.br/sermons/primeiraguerramemeal/>>. Acesso em: 10, mar. 2021.

¹⁹ O vídeo pode ser assistido no link a seguir: <<https://www.youtube.com/watch?v=wjiQQxDv00Q>>. Acesso em: 13, set. 2021.

maior parte do território brasileiro, a forma mais comum é um verbo conjugado como terceira pessoa do singular acompanhado do pronome *você* (ou mesmo acompanhado do pronome *tu*). Desse modo, em uma imagem que estaria somente afirmando a vitória do Brasil sobre Portugal na Guerra Memeal, aparece também a formação de uma imagem do português de Portugal que dá a entender um sentido de afastamento do português brasileiro pela relação com uma forma linguística marcadamente portuguesa, além do afastamento em relação com a própria noção de nacionalidade, marcada no meme pelas bandeiras sobre os rostos das garotas.

Ainda nesse sentido, vamos analisar a imagem a seguir:



Figura 10²⁰: Print do tweet que remete a uma suposta superioridade de Portugal em relação aos índios no território brasileiro em 1500, em contraste com o fato de que, agora, a língua falada no Brasil é a mais utilizada

No meme, tem-se, na parte superior, a representação da pintura *Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro* em 1500, de Oscar Pereira da Silva, com a legenda 1500, mostrando a chegada dos exploradores portugueses, em suas caravelas, no território que, mais tarde, ficaria conhecido como Brasil. Na parte inferior, a apresentação dos quadros constrói um

²⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/naoquerolista/status/743197804684787712?s=08>>. Acesso em 09, mar. 2021.

contraste específico sobre o sentido da obra, significado pela palavra “agora”. Do lado esquerdo, a imagem sintetiza um discurso de que, nos dias atuais, em muitas configurações de jogos ou legendas de filmes, a opção de língua portuguesa é identificada à bandeira do Brasil e não à de Portugal, o que inverte a relação de conquista, de dominação, estabelecida em 1500. Do lado direito, vemos, por fim, um rosto com as cores da bandeira portuguesa aparentando estar decepcionado por não haver opção de sua língua com a imagem da bandeira portuguesa.

Nesse sentido, notamos que a distinção entre o português brasileiro e o português europeu comparece pela relação de sentidos produzida para as bandeiras dos dois países, com o enunciado “Select language” e com a palavra “português”, e não por uma comparação com diferentes formas linguísticas, como na figura 9.

Além disso, há no meme, a retomada do discurso da colonização, em que Portugal apresentava-se como uma grande potência europeia que veio habitar e colonizar o novo mundo. A piada fica, portanto, por conta da comparação que se faz entre o fato de que, ainda que no período colonial – a partir de 1500 -, Portugal fosse a força dominante em relação aos indígenas que aqui habitavam - considerando-se as relações de poder e dominação que se deram no período - e vistos sempre como “mais civilizados” do que os nativos, atualmente, jogos, sites e legendas estão utilizando como referência, o chamado português brasileiro.

Se retomarmos as reflexões sobre as políticas linguísticas a partir de Orlandi (1988), Mariani (2004), Diniz (2013) e Ferreira (2020b,c), podemos trazer um contraste entre como esses processos se dão. Durante o processo de colonização, a imposição do português de Portugal como língua oficial sobre as línguas indígenas do território brasileiro se deu por meio de políticas impostas pelo próprio governo da época. A construção de uma superioridade do português do Brasil sobre o falado em Portugal pressuposta no meme se dá sem aparente interferência do governo, mas pelo fato de jogos e legendas apresentarem a bandeira do Brasil para identificar o português, o que serve de argumento para sugerir que o português falado no Brasil é, de certa maneira, superior aquele falado em Portugal. Outra política linguística é insinuada pelo meme, revertendo as relações de poder entre as diferentes nações.

3. 3. Quando o foco é a diferença linguística

Um modo pelo qual o afastamento entre o português europeu e o português brasileiro se dá nas redes sociais é aquele que coloca em questão as diferenças linguísticas propriamente

ditas. Diferenças lexicais e diferenças no modo de construção de enunciados em diversos memes são uma característica importante da Guerra Memeal.

Tomemos os exemplos a seguir:



Figura 11²¹: Print do tweet que compara as expressões “cenas” e “uns paranaué aí”, dando um melhor juízo de valor para a expressão utilizada no Brasil

Na imagem, temos uma estrutura do meme de, em inglês, escrever: em certo lugar - nesse caso, Brasil -, não se fala dessa maneira, mas tem-se outra expressão - normalmente considerada engraçada ou “estranha” ainda que vista, de certa maneira, em uma luz positiva - que possui “o mesmo significado”. Portanto, temos a comparação da expressão portuguesa “cenas” com a brasileira “uns paranaué aí”²².

É interessante notar que, com essa estrutura do enunciado do meme, não somente é estabelecida uma diferenciação entre o português brasileiro e o português europeu - e, com isso, a abertura para um afastamento entre duas línguas - como também uma valorização estética da expressão brasileira sobre a expressão portuguesa, já que, ao final do enunciado temos “and I think that’s beautiful” (que, traduzindo livremente ao português significaria algo como “e eu acho isso lindo”) para significar que dizer “uns paranaué aí” seria mais bonito do que dizer algo como “cenas”, por exemplo.

²¹ Disponível em: <<https://twitter.com/Vidadepaula/status/743273463247421445?s=08>> Acesso em 09, mar. 2021.

²² É interessante notar que a estrutura desse meme – no caso, “In X we don’t say Y” – é uma construção comum aparece em diversos memes da internet, principalmente naqueles postados durante a guerra memal. Também é interessante que um meme com o mesmo formato já apareceu no trabalho, mas no sentido contrário em que a característica valorizada é aquela de Portugal.

Com o mesmo propósito de comparação de expressões utilizadas no Brasil e em Portugal, também podemos apresentar o meme abaixo:



Figura 12²³: Print do tweet que compara as expressões “estou à rir” (sic) e “soltei o grito da pantera”, dando um melhor juízo de valor para a expressão utilizada no Brasil

Assim como na figura 11, nesse tweet, temos uma separação entre o português europeu e o português brasileiro no sentido em que a construção “estou à rir”²⁴ - marcadamente portuguesa para um falante brasileiro que, de modo geral, não se utiliza desse tipo de formação em suas falas cotidianas - se coloca em paralelo à expressão “soltei o grito da pantera”, popularizada no Brasil há alguns anos por Inês Brasil, já mencionada anteriormente. Da mesma forma que no tweet anterior, também há nesse meme certo juízo de valor em que a expressão brasileira se apresenta como um objetivo inalcançável para quem utiliza-se da forma “estou a rir”. Ou seja, ao comparar-se expressões linguísticas, em que uma seria melhor que a outra, pode-se perceber que está em conflito, além disso, o sujeito brasileiro e o sujeito português, principalmente pensando-se no contexto de “guerra” em que tais memes se fazem presentes.

²³ Disponível em: <<https://twitter.com/mishmonkeys/status/743186134310727680?s=08>> Acesso em 09, mar. 2021.

²⁴ Importante notar que, no caso do meme, a frase “estou à rir” vem escrita com uma crase, apesar de, gramaticalmente, deixar a frase incorreta uma vez que a crase não deve ser usada antes de verbos.

Nos exemplos, é interessante pensar na relação entre língua e sujeito pela nacionalidade *a partir* da diferença linguística. Quer dizer, quando nas postagens é criada uma unidade linguística brasileira – como dizer “uns paranaué aí” e “grito da pantera” -, também acaba sendo criada uma unidade para o brasileiro e outra para o português. Por meio de expressões significadas como sendo propriamente brasileiras, os memes constroem identificações sobre o que seria e quem seria o brasileiro.

Nesse sentido, Orlandi (1990) afirma que

Sujeito e linguagem encontram a sua unicidade na sua relação mútua: o sujeito não tem unicidade, produz unicidade na sua relação com a linguagem; do mesmo modo a linguagem também não a tem, e é só relativamente ao sujeito que ela se apresenta assim (ORLANDI, 1990, p. 36).

Ou seja, nem a língua nem o sujeito – nesse caso, o português ou o brasileiro – possuem de fato uma unidade fixa e definida, mas, em práticas da língua como as das imagens apresentadas, a tentativa de distanciamento entre Brasil e Portugal, cria, de certa maneira, diferentes unidades, tanto linguísticas quanto nacionais.

Ainda falando da comparação da língua portuguesa falada no Brasil e aquela falada em Portugal, temos o exemplo abaixo, mais recente. Na imagem, tirada da conta Greengo Dictionary no Twitter, já mencionada anteriormente, se apresenta uma suposta notícia portuguesa a respeito da vacinação contra a Covid-19. A notícia, porém, é escrita com certas expressões portuguesas que, no Brasil, têm outros sentidos como, por exemplo, “pica” e “bichas”. Na legenda da imagem abaixo, do Greengo Dictionary, temos “Brazilians have no maturity for Portugal”, que seria uma tradução de “brasileiros não têm maturidade para Portugal”, dando a entender que os brasileiros leriam uma notícia como essa e achariam graça das palavras portuguesas. Vejamos:



Figura 13²⁵: Print do tweet que apresenta expressões utilizadas em Portugal mas que formam um frase de tom cômico no Brasil

É interessante notar que, diferentemente dos memes anteriormente analisados, nesse caso não há um juízo de valor estético em jogo, ou seja, a questão desse post não é comparar outras diferenças linguísticas e definir qual é a “mais bonita”. Há, no entanto, um juízo de valor de outra ordem, que significa uma língua como engraçada em razão das diferenças de sentido de determinadas palavras, e que coloca as expressões portuguesas sob uma luz negativa, já que seriam, de certa maneira, engraçadas demais para serem levadas a sério.

4. Quando o meme retoma o processo de colonização

Já apontamos para essa questão em análises anteriores e consideramos pertinente voltar a ela novamente. Muitos dos tweets e memes das guerras memeais não fazem menção a

²⁵ Disponível em: <<https://twitter.com/greengodict/status/1351876981646913536?s=08>> Acesso em 09, mar. 2021.

diferenças linguísticas entre Brasil e Portugal podem trazer consigo uma grande carga histórica de sentidos sobre relações entre os dois países. Tomemos como exemplo a imagem abaixo:



Figura 14²⁶: Print do tweet que traz um meme que despreza o fato de Portugal ter sido a metrópole que colonizou o território brasileiro

Nesse caso, o tweet faz alusão ao processo de colonização portuguesa no Brasil. A imagem original é proveniente de um vídeo²⁷ do canal Porta dos Fundos²⁸, com a participação

²⁶ Disponível em: <https://twitter.com/_analusz/status/743204306753585152?s=08> Acesso em 09, mar. 2021.

²⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ru8zohJM65Y>> Acesso em 07, jun. 2021.

²⁸ O Porta dos Fundos é um projeto criativo criado por Antonio Tabet, Fábio Porchat, Gregorio Duvivier, João Vicente de Castro e Ian SBF em 2012 que, atualmente, representa uma grande produtora. Possui também um dos maiores canais de Youtube do Brasil com mais de 16 milhões de inscritos. Mais informações podem ser encontradas no link <<https://www.youtube.com/c/PortadosFundos/about>> Acesso 07, set. 2021 .

da cantora e apresentadora Xuxa Meneghel. No vídeo, ao tentar entrevistar a moça que a recebe em sua casa, Xuxa acaba decepcionando ao afirmar que veio em nome da rede Record de televisão - e não de canais como a Globo ou o SBT. Para o meme, capturas de telas do vídeo foram utilizadas e a legenda foi alterada para tematizar o processo de colonização do território brasileiro. No último quadro da imagem, fica clara a decepção da garota ao descobrir que quem veio colonizar suas terras foi Portugal e não outros países, como a França ou a Inglaterra. Essa construção enunciativa é interessante, pois retoma uma memória de sentidos que o brasileiro possui do processo de colonização. Pela interpretação do meme, a imagem que se tem é a de que os processos de colonização sofridos por territórios dominados pela França ou pela Inglaterra teriam sido “melhores” do que o processo de colonização que ocorreu no território brasileiro a partir do século XVI. Ou seja, supostamente, ter sido colonizado pela França ou Inglaterra teria sido menos decepcionante – ou até muito bom? - para o Brasil do que ter sido colonizado por Portugal. Desse modo, o meme em questão não faz uma crítica sobre o processo de colonização, mas apenas lamenta que esse processo tenha sido empreendido por Portugal.

Já no meme a seguir, a crítica se constrói ao processo de colonização por Portugal. Vejamos:



Figura 15²⁹: Print do tweet que remete ao processo de colonização como justificativa para o Brasil rejeitar o pedido de amizade de Portugal

²⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/standomalfoy/status/1379840609163354114?s=08> acesso> Acesso 08, abr. 2021.

A imagem acima é outro exemplo desta retomada da memória discursiva do processo de colonização. Mostrando uma conversa entre Portugal e Brasil – marcada, no diálogo, pelas bandeiras dos dois países -, temos, na imagem, uma tentativa de aproximação do Brasil por parte de Portugal. O Brasil, porém, recusa a proposta de amizade de Portugal. O enunciado final “eu acho engraçado que em 1500...” retoma um discurso disponível nas atuais condições de produção que critica o processo de colonização. Também aqui, um sentido negativo para a colonização portuguesa é mobilizado, aparecendo como uma justificativa para que o Brasil negue a Portugal uma amizade.

Uma memória de sentidos muito forte e presente do processo de colonização pelo qual o Brasil foi submetido por Portugal é retomada em diversos memes, e, na maior parte das vezes, com uma conotação negativa. Ainda assim, o sujeito falante não precisa ter um conhecimento profundo sobre o processo de colonização do Brasil para continuar retomando sentidos sobre esse processo em seus discursos atuais nos memes.

É o que acontece nesses memes e é o que acontece também, por exemplo, no tweet a seguir:



Figura 16³⁰: Print do tweet que traz um meme de Inês Brasil citando às Índias como modo de caçar de Portugal

³⁰ Disponível em: <<https://twitter.com/XFrosteira/status/743204134329982976?s=08>> Acesso em 09, mar. 2021.

Nesse caso, temos uma brincadeira com o fato de os brasileiros, durante a Primeira Guerra Memeal, já terem contado com sua vitória e, portanto, estarem tentando caçar de Portugal devido a sua suposta derrota. Para isso, na imagem de Inês Brasil, temos o enunciado “A Índia é logo ali, monamu”, retomando o acontecimento histórico da descoberta do território brasileiro pelos portugueses significado por um pretense acaso, já que, supostamente, os navegadores estariam buscando as Índias para compra de especiarias e não o território - até então desconhecido por eles - do Brasil. No meme, a indicação do “caminho para a Índia” aos portugueses seria um gesto de “expulsá-los” do território brasileiro, uma vez que eles estariam “incomodados” com sua derrota na guerra. A mobilização da imagem de Inês Brasil e a retomada de um discurso sobre as Índias no meme é interessante, já que retoma discursos já existentes em circulação durante uma discussão que se dá pela Guerra Memeal – alguns discursos mais recentes, como os discursos sobre a imagem de Inês Brasil, e outros bem mais antigos, que perduram há muito tempo e que, de certa forma, continuam atuais, como os discursos a respeito da “chegada” dos portugueses ao Brasil.

Considerações finais

Ao longo do trabalho e com as análises apresentadas, pudemos notar como uma discussão que pode parecer tão distante do nosso cotidiano como a dos saberes linguísticos especializados da gramática e da linguística pode aparecer nas atividades mais comuns de nosso dia a dia por meio de saberes linguísticos cotidianos.

Aqui, analisamos somente alguns memes da internet sobre relações que colocam Brasil e Portugal em diferentes disputas de sentidos, construídas por meio de distinções e distanciamentos, com foco em determinados funcionamentos discursivos antilusitanos e, notadamente, considerando a questão das línguas. Foi interessante notar as distinções e distanciamentos do Brasil em relação à Portugal. Isso levou a notar também, em alguns pontos do trabalho, a questão contrária, ou seja, o distanciamento de Portugal em relação ao Brasil, que propomos chamar “antibrasileirismo”. É claro que, sobre o assunto, ainda há muito a ser discutido e estudado e, em estudos futuros, essa questão pode ser um objeto de pesquisa bastante interessante.

Nesse sentido, retomamos o que Diniz (2013) afirma sobre as políticas linguísticas que ocorrem mesmo quando os sujeitos falantes não buscam conscientemente interferir nas relações entre as línguas e os sujeitos de um determinado grupo. Isso significa dizer que as políticas linguísticas, em se falando do antilusitanismo ou do antibrasileirismo, não são somente aquelas mais evidentes, como as que foram praticadas de fato pelo Estado português no Brasil durante o período colonial, com as missões jesuíticas e com o Diretório dos Índios, de 1757, por exemplo. Ou seja, as políticas linguísticas não são somente aquelas em que o Estado efetivamente interfere, mas também os diversos processos pelos quais os sujeitos falantes passam ao falar suas línguas (Orlandi, 1988) e, que por meio de suas práticas languageiras cotidianas, as modificam e as ressignificam. Isso se dá por meio da relação entre os saberes linguísticos cotidianos e as políticas linguísticas ordinárias, de que fala Ferreira (2020c).

É importante ressaltar novamente que esse não foi um trabalho extensivo de análise, o que quer dizer que ainda há muito material na internet – e não somente nas redes sociais. Isso quer dizer que, sobre os movimentos antilusitanos e antibrasileiros na internet, ainda há muito para se estudar, ainda mais considerando-se todas as outras colônias feitas por Portugal durante o período colonial. Para estudos futuros, há muito o que ser analisado se nos questionarmos sobre a existência ou não de funcionamentos discursivos antilusitanos no Brasil e em outros territórios dominados por Portugal.

Ainda assim, pudemos notar que, ao menos no caso do Brasil, até os dias atuais, há um significativo distanciamento entre os sujeitos falantes portugueses e os sujeitos falantes brasileiros que provém dos processos de colonização e de descolonização do Brasil. Trata-se de uma necessidade de separação entre o português e o brasileiro que ocorre não apenas de um lado da disputa, mas que tem seus resquícios tanto do português em relação ao brasileiro quanto do brasileiro em relação ao português. Ou seja, é possível ver, nos memes analisados, esse processo de afastamento ocorrendo de ambos os lados.

Também foi interessante notar, ao longo do trabalho, como essa separação ocorre de diferentes maneiras nos memes: desde menções ao processo de colonização a comparações entre formas linguísticas distintas, sejam elas palavras e expressões distintas com um mesmo sentido ou uma mesma palavra ou expressão com sentidos diferentes. Essas diferenças são tornadas humorísticas na maior parte das vezes e os sujeitos falantes identificam-se – como portugueses ou brasileiros – afastando-se daqueles significados como diferentes de si, apesar, talvez ou principalmente por causa de uma repetição de um discurso que faz parte de nossa memória discursiva, a partir do qual as línguas desses países são significadas como a língua portuguesa, falada de ambos os territórios, como a mesma língua, uma vez que são denominadas, oficialmente, pelo mesmo nome.

Ainda que as guerras memeais no Twitter tenham sido eventos pontuais, os memes nesta rede e na internet continuam a ser produzidos diariamente e, com destaque para contas como a do Greengo Dictionary, que está em constante atualização, com novas postagens todas as semanas. Podemos dizer que o material discursivo nas redes sociais sobre esse tema está sempre em constante renovação e a discussão sobre as relações entre Brasil e Portugal na internet atualmente certamente não se encerram aqui.

Bibliografia

- ADORNO, Guilherme. Os vlogs e a identificação paradoxal dos criadores de discurso. *Línguas e instrumentos linguísticos*, n. 37, p. 257 – 292, jan-jun 2016. Disponível em: <https://philarchive.org/rec/ADOOVE>. Acesso em 09, nov. 2021.
- ADORNO, Guilherme. Visualizar, ler e compreender o dicionário Priberam: divisões políticas da língua no limiar do linguístico e do visual. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas, SP, v. 42, n. 42, 2020. DOI: 10.20396/lil.v42i42.8661572. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8661572>. Acesso em: 14 nov. 2021.
- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Unicamp, 1992.
- DE CERTEAU, Michel. (1980) A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014, 22ed.
- DINIZ, Leandro Rodrigues Alves. O conceito de “política linguística”: reflexões a partir do diálogo entre a história das ideias linguísticas, a análise do discurso e a semântica do acontecimento. In: MASSMANN, Débora; COSTA, Greciely. *Linguagem e historicidade*. Campinas: Editora RG, 2013. p. 43 - 58.
- FEDATTO, Carolina. Antilusitanismo. *Revista de estudos da cultura*, N°1, p. 54 – 60, Jan.Abr, 2015.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. *A lingüística entre os nomes da linguagem: uma reflexão na história das idéias lingüísticas no Brasil*. 2009. Tese (Doutorado em linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. As coisas-a-saber sobre uma cidade na Wikipédia e na Desciclopédia: Pouso Alegre entre edifícios e buracos. *RUA (UNICAMP)*, v. 18, p. 35-58, 2012; <http://https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638284/15004>.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. Discursos sobre Cidades na Enciclopédia Tradicional, na Wikipédia e na Desciclopédia: percursos de sujeitos, saberes e línguas. In: Cristiane Dias. (Org.). *FORMAS DE MOBILIDADE NO ESPAÇO E-URBANO: SENTIDO E MATERIALIDADE DIGITAL*. 1ed.Campinas: LABEUB/NUDECRI/UNICAMP, 2013, v. 2, p. 20-46.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. As coisas-a-saber sobre uma cidade na Wikipédia e na Desciclopédia: Pouso Alegre entre edifícios e buracos. *RUA*, Campinas, SP, v. 18, n. 2, p. 36–58, 2015. DOI: 10.20396/rua.v18i2.8638284. Disponível em:

- <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638284>. Acesso em: 14 nov. 2021.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes.; FARIA, Joelma Pereira de. Dialetos/Línguas do Brasil na desciclopédia. RUA, Campinas, SP, v. 22, n. 2, p. 593–613, 2016. DOI: 10.20396/rua.v22i2.8647951. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8647951>. Acesso em: 14 nov. 2021.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. Ler, (d)escrever e interpretar os artefatos. In: Dias, Cristiane Pereira Costa; Da Costa, Greciely Cristina; Barbai, Marcos Aurelio (org.). *Artefatos de leitura*. Campinas: LABERURB/NUDECRI/Unicamp, 2020a, p. 83- 102. DOI: <https://doi.org/10.20396/ISBN9786587175140> . Acesso em: 7 jul. 2021.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. O cotidiano na história das ideias linguísticas. *Línguas e instrumentos linguísticos*, Campinas, v. 23, n. 46, p. 4 – 30, jul./dez. 2020b. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8661675>. Acesso em: 7 jun. 2021.
- FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. Saberes linguísticos cotidianos. *Porto das Letras*, v. 06, n. 5, p. 324 – 351, 2020c. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/10399>. Acesso em: 7 jun. 2021.
- FREITAS, Ronaldo Adriano. Uma Análise do Processo de Migração de Dicionários de Papel para a Web. In: *VIII Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF*, 2017, Niterói. Anais do VIII SAPPIL - Estudos de Linguagem. Niterói - RJ: Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem - UFF, 2017. v. 1. p. 767-774. Disponível em: <http://www.anaisdosappil.uff.br/index.php/VIIISAPPIL-Ling>.
- FREITAS, Ronaldo Adriano de; MEDEIROS, Vanise Gomes de. A história das ideias linguísticas como campo para a compreensão dos dicionários online. *Porto das letras*, Vol. 06, n. 5, p. 352 – 369, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/10173>. Acesso em 09, nov. 2021.
- GALVES, Charlotte. A sintaxe do português brasileiro. *Cadernos de Linguística e Teoria Literária*, n. 13, p. 31 – 50, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/8008>.

- GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Língua e Cidadania: o português no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1996.
- GUIMARÃES, Eduardo. Multilinguismo, divisões da língua e ensino no Brasil. Campinas, SP: UNICAMP/IEL/CEFIEL, 2005.
- MARIANI, Bethania. *Colonização linguística: Línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII)*. Campinas: Pontes, 2004.
- MUSEU DE MEMES. [Site institucional]. Disponível em: <https://museudememes.com.br/>. Acesso em: 14, nov. 2021.
- OLIVEIRA, Sheila Elias de. O *dicionário informal* e a relação do falante com a língua. *Revista da Anpoll*, n. 37, p. 262 – 272, Florianópolis, Jul./Dez. 2014. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/784>. Acesso em 09, nov. 2021.
- OLIVEIRA, S. E. de. O 'Dicionário inFormal' na gramatização do português. In: Rosimar R. Rodrigues de Oliveira; Sheila Elias de Oliveira; Marlon Leal Rodrigues; Taisir Mahmudo Karim. (Orgs.). *Linguagem e significação: práticas sociais*. Campinas: Pontes, 2018, v. 1, p. 299-318.
- ORLANDI, Eni. Protagonistas do/no discurso. In: *Foco e pressuposição*. Uberaba: Faculdades Integradas de Santo Tomás de Aquino, 1978, p. 30 – 41.
- ORLANDI, Eni. Confronto pela Linguagem. In: ORLANDI, Eni. (Org.) *Política Linguística na América Latina*. Campinas: Pontes, 1988.
- ORLANDI, Eni. *Terra à vista!: o discurso do confronto: velho e novo mundo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- ORLANDI, Eni. Maio de 1968: os silêncios da memória. In.: *Papel da memória*. ACHARD, Pierre et al. (orgs). Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo. Formação de um Espaço de Produção Linguística: a gramática no Brasil. In: Orlandi, Eni (Org.) *História das Ideias Linguísticas: Construção do Saber Metalinguístico e Constituição da Língua Nacional*. Cáceres: Unemat/Campinas: Pontes, 2001, 21-38.
- ORLANDI, Eni. *Língua brasileira e outras histórias – Discurso sobre a língua e ensino no Brasil*. Campinas: Editora RG, 2009.
- ORLANDI, Eni. *Introdução às ciências da linguagem – Discurso e textualidade*. (Org.) Eni P. Orlandi e Suzi Lagazzi-Rodrigues. 2º Edição. Campinas: Pontes, 2010.
- PFEIFFER, Claudia Políticas públicas: educação e linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 53, n. 2, p. 149–156, 2011. DOI:

10.20396/ce1.v53i2.8636984. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ce1/article/view/8636984>. Acesso em:
18, out. 2021

TWITTER. [Site institucional]. Disponível em: <https://twitter.com/>. Acesso em: 14, nov. 2021.